

As novas crias do mundo financeiro

Os "Fundos Soberanos de Riqueza" são as novas crias do sistema financeiro

O excesso de liquidez na economia global, fenômeno quase tão raro quanto a passagem de um cometa, já teve muitas designações: "eurodólar" ou "petrodólar" foram expressões populares tempos atrás, quando dólares em grande quantidade foram parar em algumas poucas regiões ou instituições. Nessas situações, ouvia-se que o essencial era a capacidade do sistema monetário internacional – ou melhor, dos titulares da liquidez – de reciclar os excessos de volta para as áreas necessitadas do sistema, a fim de manter lubrificadas as engrenagens do comércio e das finanças.

Em nossos dias, o excesso de liquidez dirigiu-se predominantemente para a periferia, cujo comportamento em matéria de reciclagem tem sido exemplar. Todos compram títulos do Tesouro americano e estão felizes em manter as coisas como estão.

Uma novidade nesse mundo novo é a formação do que se conhece como "Fundos Soberanos de Riqueza" (FSRs), algo como agências de governos que usam os excessos de reservas internacionais em investimentos diferentes daqueles que os bancos centrais fazem com suas reservas. Cálculos recentes avaliam o patrimônio dos FSRs em quase US\$ 3 trilhões. O maior seria o de Abu Dhabi (US\$ 875 bilhões). O segundo maior, o da Noruega (US\$ 380 bilhões). O patrimônio deles é pouco menos que o dobro do conjunto dos "fundos de hedge", os investidores mais agressivos e predadores de nosso tempo.

Pouco se sabe sobre essas criaturas – exceção para o fundo da Noruega –, que cresceram até essa inacreditável dimensão sem que delas se ouvisse falar, senão em disputas isoladas referentes a investimentos que deram errado. Mas os FSRs de Cingapura, Abu Dhabi, Qatar e China foram manchetes de jornal ao colocar quase US\$ 70 bilhões em capitalizações de alguns dos bancos mais machucados pela crise recente, como UBS, Citibank, Morgan Stanley, Merrill Lynch e Bear Sterns.

Os Fundos de Riqueza são pouco conhecidos, mas já têm patrimônio de US\$ 3 trilhões

Esses investimentos ocorreram num momento de fragilidade nos referidos bancos, com o evidente beneplácito – quem sabe até entusiasmo, ou mesmo incentivo – dos reguladores e autoridades dos países-sede. É evidente a conjectura, segundo a qual esse magnífico exemplo de reciclagem de excessos de liquidez para onde há escassez de poupança não teria sido possível em condições normais. Embora se tomem os FSRs como investidores "do bem", mais ou menos como fundos de pensão de "participante exclusivo", há evidentes tonalidades políticas no que fazem. Os nacionalistas já estão a vociferar, como o presidente da França, Nicolas Sarkozy, e a candidata à Presidência dos Estados Unidos Hillary Clinton, que falou na "necessidade de controle" dessas instituições. Sobre os "fundos de hedge", cujos estragos à estabilidade financeira internacional são conhecidos, Hillary não teria se pronunciado. Os FSRs querem mais. O xeque Hamad bin Jassem al-Thani, primeiro-ministro do Qatar, dono de um FSR de US\$ 100 bilhões, diz que porá US\$ 15 bilhões em cerca de uma dúzia de bancos.



GUSTAVO FRANCO
é economista e professor da PUC-Rio e escreve quinzenalmente em ÉPOCA. Foi presidente do Banco Central do Brasil. www.gfranco.com.br
gfranco@edglobo.com.br

Não há dúvida que a economia global nunca mais será a mesma. Talvez o Brasil pudesse fazer parte disso, se tivesse seu FSR. Mas dez de dez economistas brasileiros acham que não temos condições de ter o nosso, pois nos falta o requisito essencial: superávits fiscais continuados. E não se trata de superávits primários, mas de superávits de verdade, depois do pagamento de juros. Também seria difícil que o governo brasileiro não politizasse os investimentos do fundo, a julgar pela opinião que até hoje emite sobre as aquisições de uma empresa privada, como a Vale. A título de fantasia, fico me perguntando, caso tivéssemos nosso FSR, se compraríamos ações do Citibank. Meu voto seria favorável, com a recomendação de que nosso simpático velho conhecido Bill Rhodes fosse designado para cobrar hipotecas em inadimplência.

[Confira as colunas anteriores](#)

Fechar